

## Concepções de reais e ideais de homens e mulheres em grupos de homens autores de violência doméstica: uma proposta de intervenção gendrada

*Real and Ideal Conceptions of Men and Women in Groups of Men Who Perpetrate Domestic Violence: A Gender-Informed Intervention Proposal*

*Concepciones reales e ideales de hombres y mujeres en grupos de hombres autores de violencia doméstica: una propuesta de intervención con enfoque de género*

Victor dos Santos Valadares<sup>1</sup>  
Universidade de Brasília

Valeska Maria Zanello de Loyola<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília

Submissão: 02/03/2026

Aceite: 31/01/2026

### Resumo

A violência contra as mulheres é um fenômeno complexo com números alarmantes no Brasil. Como os principais autores desse tipo de violência são os homens, o trabalho reflexivo com eles é imprescindível para a transformação dessa realidade. Contudo, há escassez de instrumentos teórico-metodológicos específicos para essas intervenções, a partir de uma leitura de gênero. O objetivo deste artigo foi propor uma intervenção gendrada para Grupos Reflexivos de Homens Autores de Violência (GRHAV). O estudo se baseia na atividade "Concepções Reais e Ideais", desenvolvida no serviço Espaço Acolher do Distrito Federal. Foi descrito o passo a passo da atividade a partir da construção de quatro cartazes: Mulher Ideal, Mulher Real, Homem Ideal e Homem Real. São propostas perguntas disparadoras para problematizar estereótipos, hierarquias de poder e contradições de gênero. Relaciona-se às expectativas de gênero ao exercício da violência a partir de eixos interpretativos gendrados. A fundamentação teórica articula estudos feministas e a pedagogia freiriana baseada no tripé informar, refletir e responsabilizar. Conclui-se que os estudos de gênero podem embasar a escuta e as intervenções dos facilitadores e provocar fissuras em discursos naturalizados,

promovendo representações menos essencializadas e mais fluidas/flexíveis. A proposta visa contribuir efetivamente para a desconstrução de masculinidades violentas e para a responsabilização dos autores.

### Palavras-chave

Violência Contra Mulheres - Violência Doméstica - Masculinidades - Gênero - Homens - Intervenção.

### Abstract

Violence against women is a complex phenomenon with alarming figures in Brazil. As men are the main perpetrators of this type of violence, reflective work with them is essential to transform this reality. However, there is a shortage of specific theoretical and methodological tools for such interventions grounded in a gender-based perspective. The aim of this article was to propose a gender-informed intervention for Reflective Groups of Men Who Perpetrate Violence (RGMWPV). The study is based on the activity "Real and Ideal Conceptions," developed within the Espaço Acolher service in the Federal District. The step-by-step implementation of the activity is described through the construction of four posters: Ideal Woman, Real Woman, Ideal Man, and Real Man. Trigger questions are proposed to problematize stereotypes, power hierarchies, and gender contradictions. Gender expectations are related to the exercise of violence through gender-based interpretative axes. The theoretical framework articulates feminist studies and Freirean pedagogy, grounded in the triad of informing, reflecting, and holding accountable. It is concluded that gender studies can support facilitators' listening practices and interventions, creating fissures in naturalized discourses and promoting less essentialized and more fluid/flexible representations. The proposal aims to effectively contribute to the deconstruction of violent masculinities and to the accountability of perpetrators.

### Keywords:

Violence Against Women - Domestic Violence - Masculinities - Gender - Men - Intervention

### Resumen

La violencia contra las mujeres es un fenómeno complejo con cifras alarmantes en Brasil. Dado que los principales autores de este tipo de violencia son los hombres, el trabajo reflexivo con ellos resulta imprescindible para la transformación de esta realidad. Sin embargo, existe una escasez de instrumentos teórico-metodológicos específicos para dichas intervenciones desde una perspectiva de género. El objetivo de este artículo fue proponer una intervención con enfoque de género para Grupos Reflexivos de Hombres Autores de Violencia (GRHAV). El estudio se basa en la actividad "Concepciones Reales e Ideales", desarrollada en el servicio Espaço Acolher del Distrito Federal. Se describe paso a paso la actividad a partir de la construcción de cuatro carteles: Mujer Ideal, Mujer Real, Hombre Ideal y Hombre Real. Se proponen preguntas disparadoras para problematizar estereotipos, jerarquías de poder y contradicciones de género. Las expectativas de género se relacionan con el ejercicio de la violencia a partir de ejes interpretativos con enfoque de género. La fundamentación teórica articula estudios feministas y la pedagogía freiriana basada en el trípode informar, reflexionar y responsabilizar. Se concluye que los estudios de género pueden fundamentar la escucha y las intervenciones de los facilitadores y provocar fisuras en discursos naturalizados, promoviendo representaciones menos esencializadas y más fluidas y flexibles. La

propuesta busca contribuir de manera efectiva a la deconstrucción de masculinidades violentas y a la responsabilización de los autores.

#### **Palabras clave:**

Violencia Contra las Mujeres - Violencia Doméstica - Masculinidades - Género - Hombres - Intervención.

#### **Sumário**

Introdução; Desenvolvimento; Contextualização; A intervenção; Procedimento da Atividade; Eixos Interpretativos; Questões teórico-práticas dos eixos interpretativos; Conclusão

#### **Introdução**

A violência contra as mulheres é um tema que vem tomando proporções cada vez mais preocupantes, impondo a atuação do Estado por meio de diversas políticas públicas combinadas. A violência contra as mulheres é uma violação de direitos humanos e tem suas configurações atravessadas por desigualdades históricas fundadas no sexismo. Como um tema complexo e enraizado em opressões estruturais, essa violência está presente nas vidas das mulheres de diversas formas.

Mesmo considerando altos índices de subnotificação, globalmente os dados oficiais apontam que cerca de 30% das mulheres já sofreram alguma violência física ou sexual durante a vida, ao passo que 30% das mortes violentas de mulheres no mundo foram causadas por seus respectivos parceiros íntimos (World Health Organization [WHO], 2025). Embora tenha demonstrado avanços legais e regulatórios no combate à violência contra mulheres e meninas, a América Latina e o Caribe registraram, em 2024, cerca de 5.502 tentativas de feminicídio em 14 países e 11 assassinatos diários decorrentes de feminicídio ou mortes violentas em razão do gênero (Economic Commission for Latin America [ECLAC], 2025). Esses resultados também se refletem no Brasil. No último estudo realizado comparando a violência no mundo em 83 países, o Brasil figurou como o quinto com a maior taxa desse tipo de violência contra as mulheres (Waiselfisz, 2015). De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024), em 2023 houve aumento de todas as modalidades de violência contra as mulheres no Brasil, havendo o aumento de registro de agressões de violência doméstica, de feminicídio e de violências sexuais. É fundamental considerar que a violência contra as mulheres causa danos concretos na saúde mental delas (Campos; Zanello, 2016; Zanello, 2019). A violência doméstica e o abuso sexual impactam a subjetivação feminina e elevam as

taxas de suicídio, sendo o sofrimento agravado por expectativas sociais opressivas impostas às mulheres (Brasil, 2025).

O feminicídio é a forma mais extrema da violência baseada no gênero contra mulheres e meninas. Essa violência está presente em todos os continentes de maneira que, em 2024, cerca de 50,000 mulheres e meninas foram mortas, no mundo, por seus parceiros íntimos ou por membros da família (United Nations Office on Drugs and Crime [UNODC]; United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women [UN Women], 2025). De acordo com dados do Ministério das Mulheres (Brasil, 2025), a taxa nacional de feminicídios foi de 1,3 mortes para cada 100 mil mulheres em 2023, mantendo-se no mesmo patamar em 2024. As características desses crimes no Brasil revelam que 64,3% dos feminicídios ocorreram na residência da vítima, e cerca de 90% dos assassinos são homens que possuem ou possuíam vínculos íntimos com elas (Cerqueira; Bueno, 2025; Brasil, 2025). O ambiente doméstico é o local de maior vulnerabilidade, uma vez que 64,3% dos feminicídios ocorrem dentro da residência. Destaca-se ainda que a violência atinge as brasileiras de forma desproporcional conforme a raça, uma vez que mulheres negras representam 68,2% das vítimas de homicídio, enfrentando um risco de morte 1,7 vezes maior que o de mulheres não negras (Cerqueira; Bueno, 2025).

De acordo com a ONU, a violência contra as mulheres é um fenômeno evitável a partir de implementação de políticas e programas com objetivo de mitigar esse alarmante cenário (WHO, 2025). No Brasil, a Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha (LMP), configurou-se como um dos principais mecanismos para combater a violência contra mulheres. A referida Lei constitui um marco no enfrentamento da violência doméstica e familiar, ao adotar uma abordagem integrada que envolve prevenção, assistência, proteção, garantia de direitos e combate à impunidade, com foco na superação das desigualdades e discriminações de gênero. Dentre as diversas inovações, a LMP instituiu, nos artigos 22 e 45, a possibilidade de Medida Protetiva de Urgência e o comparecimento do agressor a programas de recuperação e reeducação e/ou acompanhamento psicossocial, por meio de atendimento individual e/ou em grupo de apoio (Pasinato, 2015). Numa sociedade sexista que naturaliza a violência contra as mulheres, a responsabilização dos homens é

uma medida fundamental para a proteção das mulheres (Bandeira, 2019; Lisboa; Zucco, 2022).

A violência contra as mulheres é fundamentalmente masculina e exercida por homens (Saffioti, 2004). Os homens são os principais vetores das violências contra as mulheres, portanto, é preciso desenvolver ações com eles considerando questões sociais e estruturais. O patriarcado produz o mandato das masculinidades como processo pedagógico fortemente enraizado na socialização dos homens orientando-os para a dominação e exploração aprovado pelos pares (Segato, 2016). A conversa com os homens pode ser um componente essencial para a transformação social (Hooks, 2022). Sob uma ótica feminista de gênero, as ações com homens devem permitir que os homens se reconheçam como autores da violência, assumam responsabilidade, busquem informações, revejam seus relacionamentos, repensem as masculinidades (Lisboa; Zucco, 2022). Ações envolvendo homens, a partir do letramento de gênero, podem ser fundamentais para reconhecer padrões comportamentais e emocionais além de nomear e problematizar violências cometidas com o intuito de promover reflexões capazes de produzirem mudanças para uma sociedade menos sexista (Zanello, 2024). É fundamental que os homens falem de suas experiências enquanto homens no sentido de criar outras posturas e outras escolhas políticas (Hooks, 2019).

Em geral, os discursos dos HAV são marcados por mecanismos de defesa e pela autodesresponsabilização em relação à violência, reiterando a projeção de normas tradicionais sexistas sobre as mulheres. Nesses discursos, destacam-se (Nothaft; Beiras, 2019; Valadares; Zanello; Oliveira, 2022; Valadares; Oliveira; Zanello, 2023; Valadares; Zanello, 2025): 1) a negação e a minimização da violência utilizando expressões como "foi só uma discussão". Nesse sentido, consideram que a Lei Maria da Penha é injusta, "uma benesse para as mulheres"; 2) Racionalização e Projeção- justificam a violência cometida ao passo que responsabilizam as mulheres pelas violências que elas sofreram: "Eu bati, mas... ela me deu motivos"; 3) Reafirmação hierárquica do poder e da autoridade dos homens sobre as parceiras (a violência como instrumento para e exercício dessa autoridade) e 4) a individualização do ato violento (problema pessoal), entendido não como uma expressão de uma violência estrutural enraizada na socialização masculina produzidas no sexismo e nas desigualdades históricas entre homens e mulheres. Portanto, de acordo com os estudos supracitados, os homens têm uma visão acrítica

sobre si mesmos, com experiências marcadas por privilégios, e ratificação de posturas misóginas a partir da desqualificação das mulheres. Diante dessas posturas dos HAV, acrescidas pela escalada dos índices de violência contra as mulheres já mencionada, os desafios estão colocados.

Uma alternativa viável para envolver os homens na luta contra a violência dirigida às mulheres é a participação em grupos reflexivos de homens (Toneli; Beiras; Ried, 2017). O Grupo reflexivo de homens autores de violência (GRHAV) pode ser entendido como um conjunto de intervenções com homens que cometeram violência no âmbito da Lei Maria da Penha com o objetivo de reduzir e prevenir violências, a partir de uma leitura crítica de masculinidades (Beiras *et al.*, 2024). No grupo reflexivo com Homens Autores de Violência (HAV), os participantes podem expor, confrontar e transformar as concepções, socialmente construídas, de ser homem e ser mulher (Beiras; Bronz, 2016). Atender autores significa abrir possibilidade de engajamento dos homens nas reivindicações dos movimentos feministas e na promoção da igualdade entre homens e mulheres (Toneli; Beiras; Ried, 2017). Estudos indicam a importância da incorporação do debate de gênero e das masculinidades como principais eixos das intervenções (Beiras; Nascimento; Incrocci, 2019; Nothaft; Beiras, 2019).

No Brasil, há diversas iniciativas de programas de atendimento a HAV com bases teóricas, epistemológicas e metodológicas diferentes. As primeiras iniciativas surgiram na década de 90, ocorrendo em ações da sociedade civil, e se espalhando para os Poderes Judiciário e Executivo, (Beiras, 2014). Dentre essas ações pioneiras, podemos destacar a experiência do Núcleo de Atendimento à Família e aos Autores de Violência Doméstica (NAFAVD), criado em 2003, no Distrito Federal (Nothaft; Beiras, 2019; Beiras, 2014). O NAFAVD é amplamente reconhecido no campo acadêmico e jurídico, sendo fonte de coleta de dados para inúmeras pesquisas (Valadares; Zanello, 2025; Oliveira; Scorsolini-Comin, 2025; Valadares; Oliveira; Zanello, 2023; Valadares; Zanello; Oliveira, 2022; Guimarães; Zanello, 2022; Nothaft, 2020; Silva, 2016; Távora *et al.*, 2020).

O Núcleo de Atendimento à Família e aos Autores de Violência Doméstica (atualmente denominado “Espaço Acolher”) consolida-se como uma política pública estratégica no Distrito Federal, vinculado à Secretaria do Estado da Mulher, e destaca-se por sua base institucionalizada, ampla capilaridade territorial e grande contingente de atendimentos. Diferente de iniciativas isoladas, o serviço é amparado por uma Portaria

específica e vinculado à Gerência de Atendimento à Família e ao Autor de Violência Doméstica (GEFAVD), o que garante a continuidade de suas operações em unidades espalhadas por regiões como Plano Piloto, Paranoá, Gama, Samambaia, Sobradinho, Planaltina, Santa Maria, Ceilândia e Brazlândia (Beiras *et al.*, 2024).

A equipe psicossocial é composta por psicólogas, assistentes sociais, pedagogas e educadoras. O serviço tem como público-alvo mulheres em situação de violência e homens autores de violência (HAV) envolvidos com a Lei Maria da Penha, encaminhados pela justiça. O objetivo é desenvolver um trabalho de responsabilização, reeducação e reflexão com os autores de violência, além de construir espaços de escuta, reflexão e empoderamento para as mulheres vitimizadas, a partir das perspectivas de gênero e de direitos humanos (Distrito Federal, 2022). Com os homens, especificamente, se objetiva a desconstrução de masculinidades violentas por meio da reflexão e da responsabilização. Dessa forma, a ideia principal é incentivar o autor a conscientizar-se pelos seus atos, perceber os danos causados sem culpabilizar as mulheres pelas violências presentes numa sociedade sexista (Távora *et al.*, 2020).

No que diz respeito à metodologia, as intervenções psicossociais são fundamentadas em teorias feministas (Zanello, 2018; Saffioti, 2004; Carneiro, 2023) e nos estudos das masculinidades (Connell; Messerschmidt, 2013; Kimmel, 1998; Welzer-Lang, 2001; Hooks, 2022; Zanello, 2018, 2024), e ocorrem de forma grupal. O grupo propõe um sistema que visa estimular os participantes ao pensamento crítico, à reflexão e ao engajamento ativo no próprio processo de aprendizagem, a partir da construção de espaços que valorizam o diálogo e a troca mútua (Beiras; Bronz, 2016). As perguntas são ferramentas para desencadear mudanças e abrir conversas que tragam novos significados. É uma intervenção problematizadora que investe em diálogo crítico, refletindo sobre si e sobre o mundo de forma a aumentar o campo de sua percepção sobre as relações, com a intenção de desvelar a realidade coletivamente para transformá-la (Freire, 2013).

Como apontamos, os estudos ressaltam que as intervenções com HAV devem ser fundamentadas na perspectiva de gênero (Beiras *et al.*, 2022; Beiras; Nascimento; Incrocci, 2019; Nothaft; Beiras, 2019; Beiras, 2014). No entanto, “gênero” pode ter várias compreensões, a partir de diferentes perspectivas e desdobramentos distintos. O sentido de gênero mais adequado para pensar a violência contra as mulheres é aquele

que concebe as desigualdades como opressão estrutural baseada em valores patriarcais impostos no processo de socialização primária, a partir da realidade da diferença sexual (Zanello, 2025). Nesse sentido, o processo de socialização numa cultura *sexista* e patriarcal impõe concepções de masculino e feminino. Gênero seria assim um fator estruturante do tornar-se homem e mulher, de forma a interpelar determinados traços, performances, emoções e valores, a depender do sexo (Zanello, 2018). Normatiza, portanto, as formas de ser e estar no mundo orientando sentidos, significados e sensações.

A violência contra as mulheres é uma violência estrutural (Saffioti, 2004). O carácter assimétrico imposto pelo sexismo se utiliza da diferença sexual para hierarquizar e criar desigualdades de poder entre homens e mulheres (Zanello, 2025). Além de agredirem suas esposas como forma de dominação, os homens cometem violências contra as mulheres como um preço por elas saírem dos destinos reservados a elas (Hooks, 2022). A violência pode ser uma forma de manter e controlar as normas impostas (e garantidas pelos valores culturais historicamente construídos) a partir da diferença sexual. Nesse sentido, em uma leitura gendrada, a violência deve ser interpretada como ação disciplinar, a partir de relações de poder.

Embora tenha aumentado o número de iniciativas de GRHAV no Brasil, não há um padrão entre elas. Há diferenças em relação a formas de acesso, formato do grupo, número de encontros e nas referências epistemológicas e metodológicas, mas também há semelhanças temáticas, tais como a ênfase na Lei Maria da Penha e na análise das formas de violência (Beiras *et al.*, 2024; Pereira; Guizardi; Zanello, 2023). Nesse contexto de aproximação e diferenças, surgiram iniciativas de orientar, refletir, inspirar e divulgar intervenções de GRHAV. Há projetos de guias e relatos de experiências (Beiras *et al.*, 2024; Moreira; Tomaz, 2020; Bortoli; Zucco; Beiras, 2022; Maurício *et al.*, 2022; Ferro; Jacarandá, 2022). Mesmo diante desses esforços, de acordo com mapeamento sobre grupos reflexivos de homens, os profissionais envolvidos com esses grupos relataram a falta de capacitação técnica e de materiais técnicos voltados a homens autores de violência (Beiras *et al.*, 2024; Pereira; Guizardi; Zanello, 2023)

Diante desse contexto, esse artigo tem como objetivo propor uma intervenção com Homens Autores de Violência sobre concepções de homens e mulheres a partir de uma perspectiva de gênero e desigualdade de poder, usando como estratégia as

contradições entre as expectativas reais e ideais dadas ao masculino e feminino. Essa proposta teve como base as experiências de um encontro intitulado “Concepções Reais e Ideais de Homens e Mulheres” nos Grupos Reflexivos de Homens Autores de Violência realizados no Espaço Acolher (antigo Núcleo de Atendimento a Família e Autores Violência Doméstica). A proposta interventiva enfatiza a metodologia aplicada e sugere as principais reflexões relativas ao tema, buscando contribuir para o aprimoramento contínuo da prática teórico-metodológica e promover a desconstrução de masculinidades violentas.

## Desenvolvimento

Para alcançar os objetivos supracitados, o artigo foi organizado em 4 partes: 1) Contextualização: apresenta-se o ciclo completo do Grupo Reflexivo para Homens Autores de Violência (GRHAV) no Espaço Acolher, destacando o percurso temático do grupo. 2) Intervenção: essa parte detalha a atividade específica "Concepções Reais e Ideais de Homens e Mulheres", sublinha seus objetivos, características e recomendações. Já no item 3) Procedimento da Atividade, descreve-se o passo a passo da construção dos quatro cartazes (Mulher Ideal/Real e Homem Ideal/Real) delineando possíveis perguntas norteadoras para o debate e a análise crítica posterior. Por fim, na parte 4) São propostos os Eixos Interpretativos que fornecem o arcabouço teórico (epistemologia feminista, gênero e poder) para a compreensão e análise da atividade, reforçando o objetivo do GRHAV de promover uma responsabilização ampliada a partir da reflexão sobre as estruturas sexistas e misóginas.

## Contextualização

É mister considerar que este artigo não se trata de uma pesquisa empírica, mas sim da sistematização de uma prática profissional fundamentada que resultou em uma proposta de intervenção para o GRHAV a partir de uma leitura de gênero. A proposta apresentada neste artigo baseou-se na experiência de facilitação de grupo de homens desenvolvida por um dos autores no Espaço Acolher (antigo NAFVD) de 2011 a 2025 como servidor efetivo do referido serviço público, bem como se fundamenta nas discussões entre os autores sobre a importância de compreender e discutir concepções de gênero nos grupos de homens. A vinculação com o serviço supracitado possibilitou o

exercício contínuo da prática de grupo e o constante aprimoramento do tema, o que resultou na proposta sugerida neste artigo. Ressalta-se também que, dentre todos os encontros do ciclo de GRHAV, foi selecionado o intitulado “Concepções Reais e Ideais de Homens e Mulheres” como proposta interventiva. Isso se deve à sua capacidade de produzir, em grupo e de forma participativa, perguntas e debates sobre os destinos de homens e mulheres na nossa cultura. As características desse encontro podem promover discussões sobre ideais, expectativas e naturalizações, além de permitir reflexões críticas sobre poder, violências e desigualdades de gênero.

O encontro proposto neste artigo faz parte de um ciclo de GRHAV mais amplo composto por 14 encontros semanais, com 2 horas de duração, com 13 homens encaminhados pela justiça. É importante destacar que existem 9 Espaços Acolher e aqui será descrita uma possibilidade, entre outras, em termos de tema e formato, embora os objetivos e a base teórica sejam rigorosamente os mesmos. A proposta geral da intervenção baseia-se no tripé: informar, refletir e responsabilizar. Destaca-se ainda que gênero, masculinidades, raça e suas relações com violências, privilégios e poder permeiam todos os temas.

O grupo pode ser descrito da seguinte forma: no 1º Encontro – Apresentação e Acordo Coletivo: O foco inicial é a apresentação dos coordenadores e dos objetivos baseados no tripé informação, reflexão e responsabilização. Estabelecem-se as regras de convivência. Os 2º e o 3º encontros focam no diálogo com a Justiça: Os participantes organizam seus sentimentos, compartilham seus incômodos e suas vivências em perguntas objetivas para um encontro com o(a) Promotor(a) de Justiça. A proposta é conversar sobre a importância da LMP e incentivar uma visão mais crítica e contextualizada sobre as violências contra as mulheres.

Os 4º, 5º e 6º encontros abordam os tipos de violência conforme a Lei Maria da Penha (LMP). Discute-se consentimento sexual, cultura da objetificação, socialização masculina em relação ao sexo e à virilidade sexual, violência Física (propondo reflexões sobre a tendência a minimizar agressões, como empurrões), violência patrimonial, psicológica e Moral.

No 7º encontro, intitulado “Concepções Reais e Ideais de Homens e Mulheres”, são produzidos os cartazes do Homem Ideal, Homem Real, e da Mulher Ideal e Mulher Real. Há uma discussão e reflexão sobre os valores e estereótipos que emergem dos

próprios HAV nessa atividade. Os temas organizados entre os 8º, 9º e 10º encontros discutem os ditados populares que reforçam estereótipos tradicionais de gênero. Frases como “homem que é homem não chora”; “Homem é mais racional que a mulher”; “Homem que é homem não leva desaforo para casa” e “Em briga de marido e mulheres ninguém mete a colher”. Já no 11º encontro é abordado o tema sobre Raça e Gênero, explorando as vivências raciais dos participantes, o aspecto estrutural do racismo e a violência em relação às mulheres negras.

Em seguida, são dedicados dois encontros (12º e 13º) para conversar de forma gendrada sobre emoções como ciúme, raiva-impotência e amor. É proposta a reflexão sobre a relação entre ciúme, amor, poder e controle, bem como a relação entre raiva e impotência. Por fim, no 14º encontro, realiza-se uma retrospectiva das experiências, apontando os aspectos negativos e positivos da jornada. O encerramento enfatiza a importância de os homens ouvirem as mulheres, buscarem redes de apoio e assumirem a responsabilidade por suas escolhas e pelo impacto de seus atos na sociedade.

É importante destacar que, conforme a realidade e a dinâmica do grupo, pode haver mudança na ordem e na organização do tempo dessas atividades. Não é uma organização rígida, cabendo, inclusive, o abarcamento de outros temas. O foco é no processo. O ideal é manter uma estrutura flexível em favor dos objetivos precípuos da intervenção com homens nesse contexto: reflexão e responsabilização a partir de leituras gendradas e racializadas das relações de poder.

## A intervenção

O encontro intitulado “Concepções Reais e Ideais de Homens e Mulheres”, no qual são produzidas e discutidas as concepções de Homem Ideal, Homem Real, Mulher Ideal e de Mulher Real tem como objetivo principal identificar e problematizar as concepções e representações compartilhadas entre homens acerca dos papéis, estereótipos e valores de gênero.

A intervenção envolve a criação de quatro cartazes, em cartolina: **Mulher Ideal**, **Mulher Real**, **Homem Ideal** e **Homem Real**. Cada cartaz contém a figura de um homem ou uma mulher correspondente ao título. O objetivo principal é a reflexão acerca das expectativas e idealizações acerca dos estereótipos e papéis de gênero relacionados a homens e mulheres. Materiais: quatro cartazes, pincéis para desenhar a figura do

homem e da mulher e escrever as características dos cartazes. Fita adesiva para fixar cartazes na parede. Sobre a condução, é fundamental a participação de pelo menos 2 facilitadores, de preferência um homem e uma mulher. Enquanto um facilitador conduz a atividade com perguntas, o outro escreve nos cartazes fixados na parede o conteúdo sugerido pelos participantes. É produzido um cartaz de cada vez. Quando um é feito, o outro é recolhido. Os 4 cartazes são apresentados simultaneamente para análise em grupo quando todos os materiais estiverem finalizados. Recomenda-se que a atividade seja conduzida presencialmente. O encontro tem 2 horas de duração.

A atividade tem o intuito de provocar reflexão sobre como características femininas e masculinas se relacionam a desigualdades de gênero e ao exercício das violências contra as mulheres. É importante destacar que essa atividade é desenvolvida no 7º encontro, ou seja, na metade do ciclo total do grupo. Portanto, o grupo já passou pelos desafios iniciais marcados por resistências em relação ao GRHAV e as insatisfações com a Lei Maria da Penha (não à Lei em si, mas geralmente à aplicação ao seu caso). Além disso, o vínculo e a confiança entre o grupo já estão mais desenvolvidos. Um aquecimento grupal antecedendo a atividade é recomendado. Por fim, é muito importante que os homens falem das características livremente, retratando suas percepções cotidianas e que haja acolhimento e não julgamento de valor nesse momento de livre expressão, afinal a eficácia da problematização depende também da autenticidade das respostas. Quanto mais “verdadeira” e sentida a resposta dada pelos HAV, maior a chance das reflexões e problematizações posteriores atingirem suas percepções e emoções.

### Procedimento da Atividade:

1. **Mulher Ideal:** os participantes são convidados a construir a imagem de uma mulher "perfeita" a partir da seguinte proposta: **“Vamos construir juntos uma mulher ideal. Apontar características de uma mulher perfeita”**. O cartaz com contorno de uma mulher é fixado na parede, e os homens expressam características dessa mulher idealizada, localizando-as em partes do corpo do desenho: Cabeça, Tronco, Coração, Braços, Órgãos Genitais e Pernas. Por exemplo, “a mulher ideal é inteligente, na cabeça.” Os facilitadores devem perguntar continuamente características e a respectiva parte do corpo

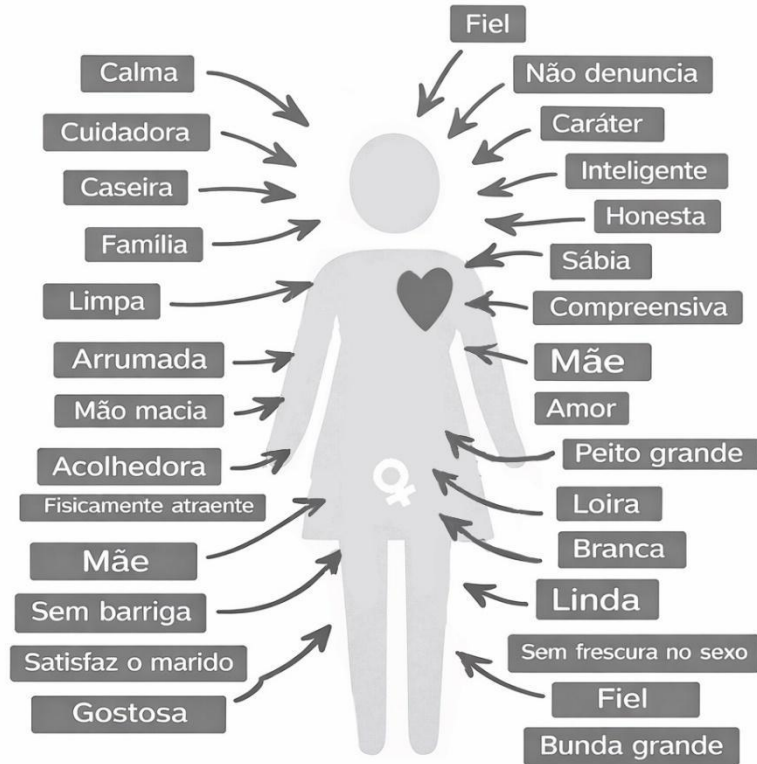
enquanto o outro facilitador registra as características citadas no cartaz específico. Uma das tarefas dos facilitadores é incentivar que os homens falem diversas características, inclusive os adjetivos considerando sexo e sexualidade. De modo geral, a tendência é que o grupo evite falar de sexualidade abertamente, pelo menos no início. Portanto, o manejo do grupo pelos facilitadores é fundamental. O cartaz é do grupo, logo, é importante perguntar os significados de cada característica, por mais que o sentido pareça óbvio. O “óbvio” pode ser uma projeção de algo pressuposto pelo facilitador sobre o HAV. Muitas vezes o sentido trazido pelo próprio participante diverge daquele que seria, a priori, pressuposto. É também importante perguntar se os participantes concordam com a característica apontada e estar atento às divergências entre os participantes. Essas diferenças podem ser um ponto de discussão e debates posteriormente no grupo. Mesmo em caso de discordância, as características são igualmente registradas. Ao final, o cartaz é recolhido.

2. **Mulher Real: “Vamos construir juntos uma mulher real”. Elenque características fáceis de achar em mulheres do dia a dia**. Em seguida, o grupo é incentivado a produzir o cartaz da mulher real, identificando as características de mulheres comuns, que eles conhecem, também localizando-as no corpo. Sobretudo no cartaz da Mulher Real é comum o aparecimento de xingamentos, termos histórica e culturalmente construídos, carregados de valores sexistas (Zanello; Romero, 2012; Siqueira; Zanello, 2025). Ao término, o cartaz é recolhido.
3. **Homem Ideal “Vamos construir juntos um homem ideal. Aponte características de um homem perfeito**”. O mesmo procedimento é repetido para construir o homem ideal. As características devem ser faladas e localizadas no corpo da figura. Ao final, o cartaz é recolhido.
4. **Homem Real: “Vamos construir juntos um homem real juntos. Elenque características fáceis de achar em homens do dia a dia**”. O mesmo procedimento é repetido para construir os cartazes do Homem Real.

Para ilustrar visualmente a proposta, produzimos 4 cartazes com características comuns construídas por homens nos grupos GRHAV:

Figura 2 – Cartaz da Mulher Ideal

## MULHER IDEAL

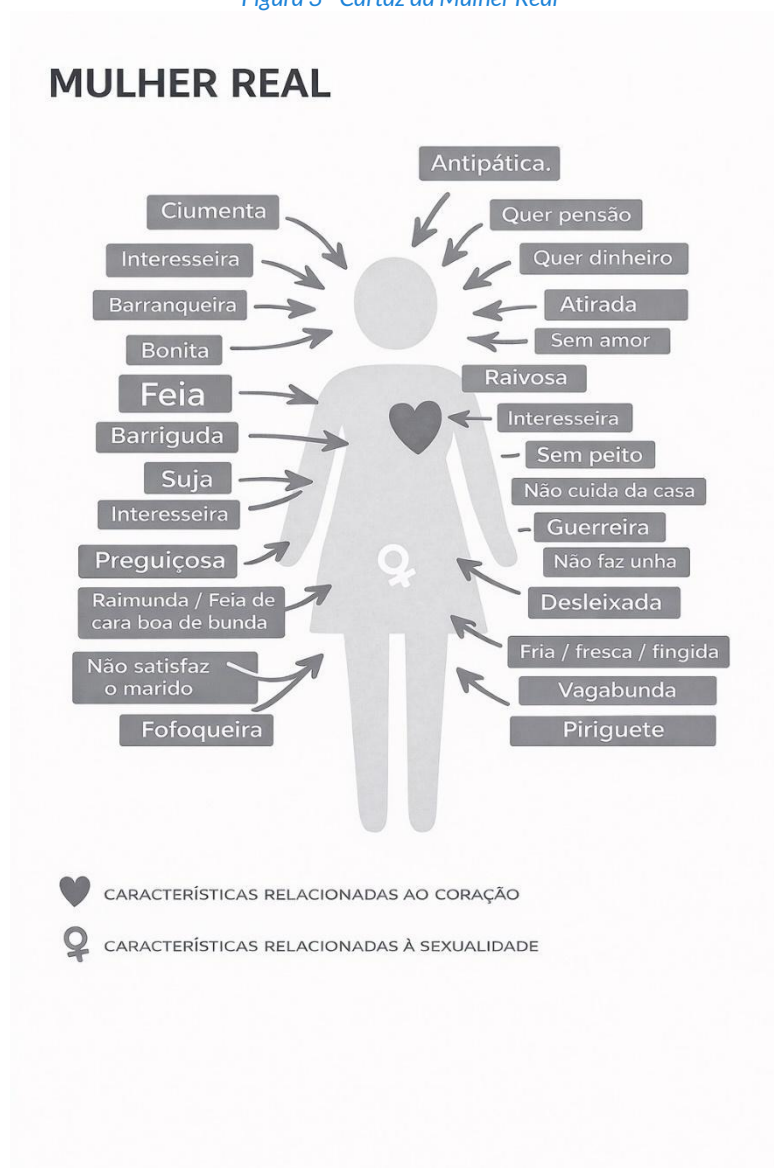


♥ CARACTERÍSTICAS RELACIONADAS AO CORAÇÃO

♀ CARACTERÍSTICAS RELACIONADAS À SEXUALIDADE

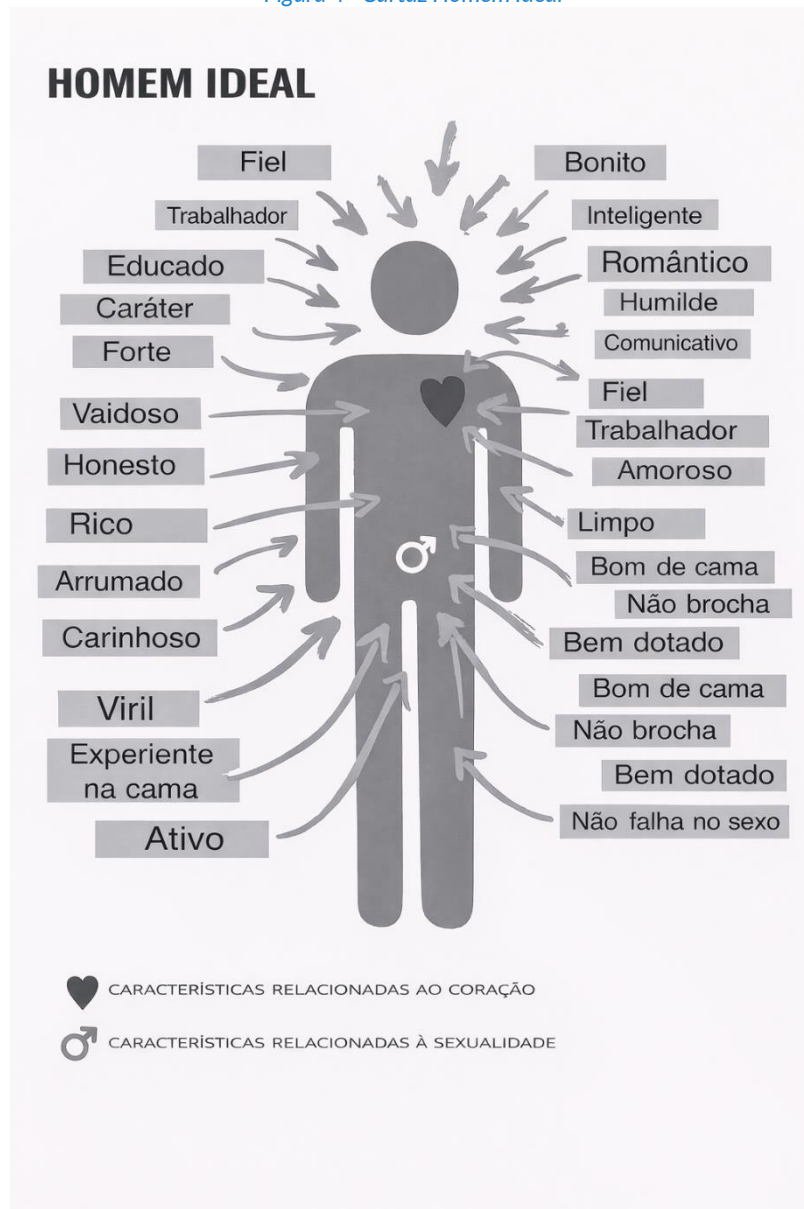
Fonte: Elaboração Própria

Figura 3 - Cartaz da Mulher Real



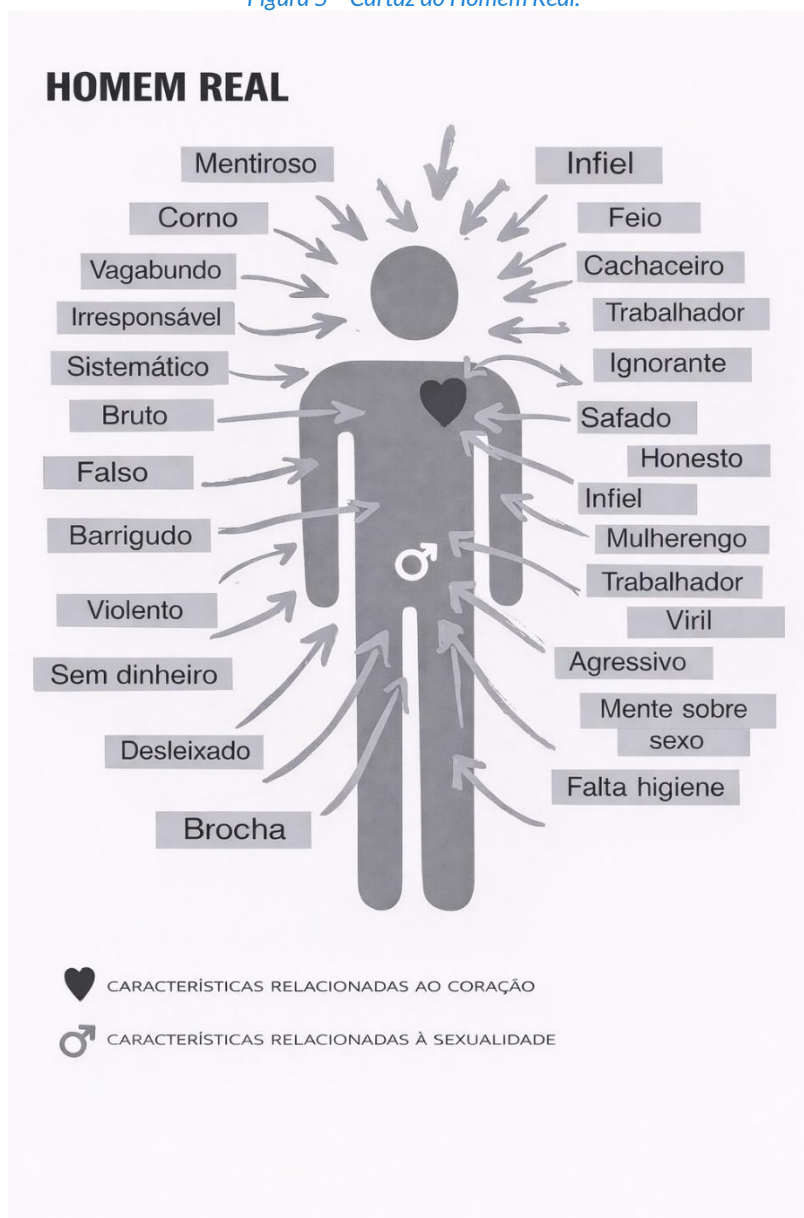
Fonte: Elaboração Própria

Figura 4 - Cartaz Homem Ideal



Fonte -Elaboração Própria

Figura 5 – Cartaz do Homem Real.



Fonte: Elaboração Própria.

Após a produção dos quatro cartazes, eles são afixados conjuntamente, um ao lado do outro. A partir da codificação expressa pela vivência dos participantes, é possível criar uma análise problematizadora e crítica (Freire, 2013). É importante destacar que as perguntas são os principais instrumentos para provocar reflexão. Inicialmente pode-se perguntar como foi fazer as atividades, envolvendo a pergunta: quais as facilidades e os desafios encontrados na construção dos cartazes? Outras questões podem ser exploradas, como por exemplo: o que podemos dizer desses cartazes? Como aprendemos sobre o que é uma mulher ideal e um homem real? O que os cartazes dizem das mulheres e dos homens? O que diz das relações? As mulheres reais e os homens reais têm mais aspectos positivos ou negativos? Por quê? Quem são as mulheres descritas?

Será que as mulheres fariam cartazes semelhantes? As mulheres têm as mesmas noções de um homem perfeito? É possível ser homem ideal? É possível ser mulher ideal? Você está mais próximo do homem ideal ou real?

É possível perguntar ainda: O que acontece com os homens quando eles fogem das características ideais? O que acontece com as mulheres que falham a partir dessa noção de perfeição, o que você faz com elas? Como você age quando a sua companheira foge da sua noção de ideal? Como as violências se inserem nesse cenário? Se chegarmos à noção de que o “homem ideal” e a “mulher ideal” não existem de fato, como lido com o meu “eu real”? Como lido com a “companheira real”? Será que homens e mulheres têm os mesmos direitos de serem reais?

Tais perguntas podem ser disparadoras de diversos debates, promovendo reflexões sobre idealizações, expectativas, controle, violência e poder. É possível pensar o quanto essas definições espelham estruturas sexistas e misóginas produzidas e reproduzidas no cotidiano. É exatamente esse caráter ordinário, cotidiano, das crenças trazidas pelos próprios HAV que trazem a potência de ação das perguntas disparadoras e dos possíveis afetos mobilizados no grupo. Para isso, é necessário também que as perguntas questionem as - supostas - obviedades e concepções naturalizadas na socialização (no *habitus*) dos homens. Ao tocar o vivido explicitando o que é subentendido, a palavra pode *afetar*, provocar emoções (muitas vezes negativas). Esse é um aspecto importante da ressignificação, pois a palavra para transformar tem que mobilizar afetivamente (Loyola, 2007).

É fundamental apontar as fissuras nos discursos e as contradições para que os homens saiam do grupo com mais questionamentos e incômodos. O GRHAV é necessariamente uma forma de causar incômodos, ao passo que propõe outras formas de lidar com eles. Esse processo pode criar possibilidades de que os HAV questionem suas certezas e as estruturas que as fundamentam, ao invés de culpabilizar as mulheres pelos atos que eles produzem.

## Eixos Interpretativos

O GRHAV tem como objetivo informar, refletir e responsabilizar. Esses três elementos se articulam dinamicamente. O informar é uma concepção mais ampla, a qual envolve troca de vivências, construção de percepções e desenvolvimento de

consciência, sem, no entanto, desconsiderar as diversas estatísticas e estudos envolvendo homens e mulheres. Como a própria definição de ser pessoa é construída na nossa cultura, historicamente, dentro de oposições, como um binarismo, a condição ontológica para ser homem é não ser uma mulher (Zanello, 2018). Portanto, a vivência dos homens é marcada pelo distanciamento fático da experiência das mulheres e, inclusive, muitas vezes, por seu repúdio (misoginia). Conversar sobre a vivência dos homens é fundamental, mas aproximar de forma crítica o ponto de vista das mulheres em suas pluralidades é imprescindível num grupo para homens. Desse modo, a informação é necessária.

A reflexão é a força motriz que permite a descoberta e o encontro consigo mesmo (Freire, 2013). É a descoberta de um emaranhado estrutural que enquadra e contingencia o desenrolar das vivências privadas e coletivas. A reflexão é encontrar-se com o estranho que há em si. É pensar nas relações entre os discursos naturalizados e se haver com a consequência das próprias ações. É, portanto, compreender-se como sujeito da própria destinação histórica. Uma reflexão genuína leva necessariamente à responsabilização. A responsabilização pode ser reconhecida como uma responsabilização ampliada (Távora, 2019). Isto é, a responsabilização não apenas sobre o ato violento, mas a aplicação de uma reflexão crítica comprometida com a transformação e a mudança no nível pessoal, familiar e social. A responsabilização é, também, ação. É uma *práxis* que alia reflexão e ação (Freire, 2013).

### Questões teórico-práticas dos eixos interpretativos

Como enfatizamos, para discutir a atividade proposta é importante considerar que as relações de gênero estão no centro do debate. As formas de ser homem e mulher reproduzem aspectos históricos, culturais e subjetivos que normatizam as maneiras de ser e estar no mundo direcionando certos sentidos, significados, sensações e relações de poder (Zanello, 2025). As imposições de gênero ainda são majoritariamente construídas (e vividas) de forma binária, de modo que os homens são forjados a partir de uma oposição constante às mulheres (Zanello, 2018). Dessa forma, pensar características e adjetivos para homens e mulheres não é uma tarefa banal. Tampouco é um processo puramente individual: é abrir possibilidade de discutir socialização, normas sociais, hierarquias e opressões estruturais.

O processo de construir mulheres e homens a partir de adjetivos é também uma forma de avaliar homens e mulheres. É fazer juízos de valor gendrado sobre o feminino e o masculino. Além disso, a atividade funciona como um espelho: quando os homens estão falando das “mulheres perfeitas”, estão falando de normas e lugares sociais na relação entre os sexos. Essas relações são marcadas por expectativas, mandatos e interpelações articuladas ao controle, poder e ao exercício da violência. A socialização das mulheres é normatizada no tripé - casa, família e marido. Historicamente, a partir do século XVIII, as mulheres foram concebidas como naturalmente frágeis, agradáveis, doces e boas mães de modo que a verdadeira mulher é aquela disposta ao sacrifício e ao esquecimento de si em prol da família (Zanello, 2018). Portanto, as mulheres são cobradas pelos homens a fazerem um superinvestimento no “heterocentrismo”, de modo que se espera (se interpela) delas comportamentos naturalmente cuidadosos, empáticos, amorosos e compreensivos em qualquer cenário, mas sobretudo na vida amorosa (dispositivo amoroso) e na relação familiar (dispositivo materno) (Zanello, 2018).

Quando não há o cumprimento das expectativas sexistas por parte das mulheres, é comum a agressão. Aqui a violência deve ser entendida como disciplinar. Não é à toa que HAVs justifiquem as violências e racionalizem as agressões (Valadares; Zanello; Oliveira, 2022), pois a “correção” das mulheres está relacionada às concepções e aos “destinos” impostos ao feminino (e naturalizados).

Nas oficinas, é frequente que a Mulher Ideal seja representada como aquela que usa a inteligência e a sabedoria em prol do tripé casa-família-marido. Uma representação paulina da mulher que sofre para cumprir seu destino e obrigações (Zanello, 2018). Geralmente, a Mulher Real, por seu turno, é construída como interesseira. Essa construção de mulher, segundo os GRHAV, estaria empenhada em manipular, controlar e pegar o dinheiro deles.

É igualmente fundamental incluir reflexões sobre a objetificação das mulheres, a qual idealiza e espera uma ultra disponibilidade sexual delas, e se articula à virilidade sexual interpelada como prova de um “verdadeiro homem” (Zanello, 2018). Nesse esquema, enquanto o masculino é compreendido como sujeito da sexualidade, o feminino é tomado como objeto de sexualidade (Machado, 2004), ou seja, o corpo e o desejo das mulheres estariam em função dos desejos dos homens. Os cartazes podem

demonstrar essa lógica a partir das disposições das características. É comum atribuírem como característica da mulher ideal a disponibilidade sexual e a fidelidade, enquanto a mulher real é marcada como adjetivos como “promiscuidade” e “frieza sexual”. É mister considerar os aspectos interseccionais de raça e gênero em relação ao ideal estético e à hiperssexualização de mulheres negras. Numa sociedade sexista e racista, as mulheres negras são continuamente representadas como sexualmente disponíveis e promíscuas (Collins, 2019; Gonzalez, 2020). Na discussão, pode-se perguntar, por exemplo, se os HAVs percebem diferenças entre mulheres reais brancas e negras e quais seriam. Discutir sexualidade e sexo das mulheres, em um prisma interseccional, é abrir espaço para se problematizar a super objetificação do corpo feminino em seus diferentes matizes.

Já para os homens, o “Homem Ideal” é marcado pela fantasia do que um homem pensa ser perfeito para si mesmo. Em geral, vem mediado pelos ideais do dispositivo da eficácia, tanto da virilidade sexual, quanto laborativa (Zanello, 2018). É muito comum os homens dizerem, aos risos, que o homem ideal é o homem rico: “quem gosta de homem é viado, mulher gosta de dinheiro”. Mas há, também, uma fantasia frustrada dos homens de que se eles tivessem mais dinheiro, teriam acesso ao corpo de mais mulheres. Ou seja, essas concepções revelam um ressentimento e, ao mesmo tempo, reafirmam um investimento numa visão inequivocamente pejorativa das mulheres.

É interessante considerar que as contradições dos homens são vividas e percebidas de formas diferentes em relação àquelas das mulheres, mas tendo consequências semelhantes, pois o ônus recai sobre as mulheres direta ou indiretamente. Como apontamos, quando mulheres “falham” em relação ao ideal de mulher, são punidas; porém quando eles “falham”, é comum atribuir a elas essa suposta falha, motivo pelo qual também são punidas. O que se percebe, de modo geral, são concepções bastante engessadas e essencializadas sobre ser homem e mulher e o ideal para ambos. Aqui as teorias feministas podem embasar a escuta e as intervenções dos facilitadores, sobretudo através da ideia do “abolicionismo de gênero” (Zanello, 2025). Ou seja, é possível provocar fissuras nessas construções, promovendo representações menos essencializadas e mais fluidas/flexíveis. Uma das questões colocadas, assim, é como as pessoas reais podem se encontrar. Pessoas reais no sentido de sujeito vivo, desejante e com ambivalências, com aspectos que gostamos ou não.

Em suma, as características e os adjetivos dados aos homens e às mulheres pelos HAVs podem ser entendidos como interpelações gendradas que espelham relações de hierarquia e poder. Essas interpelações se traduzem em expectativas que se relacionam a emoções (culturalmente mediadas), as quais precisam ser problematizadas no processo de intervenção e conscientização de HAVs.

## Conclusão

Diante da urgência de enfrentar um fenômeno estrutural e de proporções alarmantes como a violência contra as mulheres, é crucial a necessidade de intervir diretamente com os Homens Autores de Violência (HAV). Esse estudo se insere em um contexto em que, apesar do aumento do número de Grupos Reflexivos para Homens Autores de Violência (GRHAV) no país, ainda se verifica a falta de capacitação técnica e de materiais teórico-metodológicos para os profissionais envolvidos.

Diante dessa conjuntura, o objetivo principal deste artigo foi propor uma intervenção gendrada para GRHAV, baseada na experiência do encontro intitulado “Concepções Reais e Ideais de Homens e Mulheres” realizado no Espaço Acolher (antigo NAFVD). A proposta visa identificar e problematizar as concepções compartilhadas pelos homens acerca dos papéis, estereótipos, valores e ideais de gênero, a partir de uma leitura dos estudos feministas sobre a masculinidade. Essa perspectiva está intimamente ligada à crítica às desigualdades estruturais entre os sexos (e raça) e à noção de patriarcado como sistema de distribuição desigual de poder, meio no qual a violência contra as mulheres é exercida.

Assim, ao expor os Eixos Interpretativos e o Procedimento da Atividade de construção dos cartazes, o artigo oferece um instrumento prático para provocar incômodos e questionamentos nas certezas dos homens, apontando fissuras nos discursos naturalizados. Mesmo diante das diversas iniciativas de GRHAV no Brasil, é importante que as intervenções com HAV sejam fundamentadas em epistemologias, em interpretações e em conceitos que incluem a experiências das mulheres permitindo uma discussão crítica gendrada e racializada sobre poder, hierarquia e disciplina (Beiras, 2014; Beiras; Nascimento; Incrocci, 2019). Ou seja, é fundamental a discussão sobre metodologia de grupo de homens, com constantes renovações teóricas e conceituais.

A principal contribuição do artigo reside na apresentação detalhada de uma metodologia interventiva que enfatiza o tripé informar, refletir e responsabilizar. O registro formal das práticas desenvolvidas no GRHAV não apenas preenche uma lacuna metodológica na literatura, como também subsidia o exame crítico de estratégias de intervenção junto a homens autores de violência. A proposta delineada neste trabalho contribui para a consolidação de ações concretas junto a homens para combater e prevenir crimes contra as mulheres para além de um viés estritamente punitivo. Ao incluir aspectos psicológicos, sociais e políticos desse fenômeno, esse estudo incentiva a construção de aportes metodológicos que visam desafiar as crenças, os estereótipos e as normas que sustentam os privilégios masculinos e a subordinação feminina. Nesse sentido, essa proposta contribui no campo da criminologia ao circunscrever uma ação específica dentro de um modelo interpretativo gendrado e racializado que se fundamentam, de modo prático e teórico, nas opressões estruturais no contexto brasileiro. A reflexão e a responsabilização de homens autores de violência contra as mulheres a partir desse modelo se compromete com a mudança social e com a transformação da realidade por meio da conscientização e do diálogo promovidos principalmente pelo Estado.

Destaca-se, porém, que essa proposição parte de uma experiência específica no Distrito Federal em contexto com delimitações próprias. Portanto, é fundamental considerar que a proposta não é aplicável em qualquer situação, dependendo da avaliação técnica e do contexto institucional no qual o grupo é desenvolvido. Outra possível limitação é que este encontro faz parte de um ciclo mais amplo de 14 encontros, situando-se no meio do processo como um todo. Ou seja, esta intervenção não foi construída para ser uma atividade isolada, mas sim para ser desenvolvida quando o grupo já foi devidamente acolhido e os participantes já estabeleceram vínculos entre si e com os facilitadores. A intervenção foi elaborada para ser coordenada de forma presencial e com dois facilitadores (preferencialmente um homem e uma mulher); tal conformação pode se tornar uma limitação, pois depende das possibilidades institucionais de cada serviço. A realização deste encontro em outras circunstâncias pode gerar resistência dos homens, bem como dificuldades no manejo e condução do grupo, restringindo seu potencial reflexivo. De qualquer modo, a ideia não é propor uma atividade monolítica, pronta e acabada, mas algo vivo que pode ser adequado à realidade

específica de cada serviço ou servir de inspiração para outras ações transformadoras e criativas, sem, no entanto, se afastar dos estudos de gênero e raça.

## Notas

- <sup>1</sup> Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PSICC-UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PSICC-UnB); Pós-Graduado *latu sensu* em Terapia Familiar e de Casais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); Graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília. Membro do grupo de pesquisa Saúde Mental e Gênero.
- <sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília; Especialista em Filosofia e Existência (Universidade Católica de Brasília, UCB/DF); Graduada em Psicologia e Filosofia na Universidade de Brasília. Coordenadora do grupo de pesquisa Saúde Mental e Gênero (vinculado ao CNPq e à Universidade de Brasília - UnB)

## Referências

- BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 293–315.
- BEIRAS, Adriano. **Relatório Mapeamento de Serviços de atenção grupal a homens autores de violência contra mulheres no contexto brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Noos; Instituto Promundo, 2014.
- BEIRAS, Adriano; BRONZ, Alan. **Metodologia de grupos reflexivos de gênero**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016.
- BEIRAS, Adriano; NASCIMENTO, Marcos; INCROCCI, Camila. Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 262–274, 2019.
- BEIRAS, Adriano; MARTINS, Daniel Fauth Washington; SOMMARIVA, Salete Silva; HUGILL, Michelle de Souza Gomes (orgs.). **Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no Brasil: experiências e práticas**. Florianópolis: Academia Judicial, 2022.
- BEIRAS, Adriano; MAURÍCIO, Ana Carolina; NERY, Gustavo Vieira; HUGILL, Michelle de Souza Gomes; MARTINS, Daniel Fauth Washington; MUHLEN, Bruna Krimberg von. **Guia prático grupos reflexivos para homens autores de violência: planejamento, implementação e consolidação**. Florianópolis: Edições do Bosque/CFH/UFSC, 2024. *E-book*.
- BORTOLI, Ricardo; ZUCCO, Luciana Patrícia; BEIRAS, Adriano. Experiências e intervenções com homens autores de violência em Blumenau. *In*: BEIRAS, Adriano *et al.* (orgs.). **Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no Brasil: experiências e práticas**. Florianópolis: Academia Judicial, 2022. p. 18-43.
- BRASIL. Ministério das Mulheres. **RASEAM 2025: relatório anual socioeconômico da mulher (Ano VIII)**. Brasília: Ministério das Mulheres, 2025.

CAMPOS, Ioneide de Oliveira; ZANELLO, Valeska. Saúde mental e gênero: o sofrimento psíquico e a invisibilidade das violências. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 48, p. 105–117, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/11505>. Acesso em: 5 jan. 2026.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2025**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2025. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/17165>. Acesso em: 18 jan. 2026.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

DISTRITO FEDERAL. Portaria nº 01, de 07 de janeiro de 2022. Normatiza a implementação do Programa Acolher... **Diário Oficial do Distrito Federal**, Brasília, 07 jan. 2022. Disponível em: [https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/75d84147ea174bcbac82265dbabe8113/Portaria\\_1\\_07\\_01\\_2022.html](https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/75d84147ea174bcbac82265dbabe8113/Portaria_1_07_01_2022.html). Acesso em: 18 jan. 2026

ECONOMIC COMMISSION FOR LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN (ECLAC). Towards substantive gender equality and the care society: acting with urgency to ensure women's and girls' right to a life free from violence. Femicidal Violence in Figures: Latin America and the Caribbean, n. 4. [S. l.]: United Nations, 2025.

FERRO, Álvaro Kalix; JACARANDÁ, Rodolfo. A experiência do Projeto Abraço – uma iniciativa pioneira no âmbito do Poder Judiciário brasileiro. In: BEIRAS, Adriano *et al.* (orgs.). **Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no Brasil**: experiências e práticas. Florianópolis: Academia Judicial, 2022. p. 75-97.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Segurança em números 2024** [infográfico]. São Paulo: FBSP; Ipea, 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024-infografico.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75–93.

GUIMARÃES, Maisa Campos; ZANELLO, Valeska. A vivência dos ciúmes e os processos de subjetivação de homens: por uma discussão gendrada dos afetos. In: BEIRAS,

Adriano *et al.* (orgs.). **Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no Brasil: perspectivas e estudos teóricos**. Florianópolis: Academia Judicial, 2022.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalterna. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-107, 1998.

LISBOA, T. K.; ZUCCO, L. P. Os 15 anos da Lei Maria da Penha. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, p. e86982, 2022.

LOYOLA, Valeska Maria Zanello de. **A metáfora no trabalho clínico**. 1. ed. Brasília: Ex-Libris, 2007.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MAURÍCIO, Ana Carolina; BEIRAS, Adriano; BRAGA, Karla; SEVERO, Júlia; VIEIRA, Marcos Vinícius. Metodologia de grupos reflexivos para homens autores de violência e a judicialização da vida: o caso do Projeto Ágora. In: BEIRAS, Adriano; BRAGA, Karla; SEVERO, Júlia; VIEIRA, Marcos Vinícius (orgs.). **Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no Brasil: experiências e práticas**. Florianópolis: Academia Judicial, 2022. p. 44-74

MOREIRA, Karine Santos; TOMAZ, Renata Silva Rosa. Grupo reflexivo: um relato de experiência sobre uma estratégia de enfrentamento contra a violência doméstica. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 98700-98715, 2020.  
Disponível em:  
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/21697>. Acesso em: 18 jan. 2026.

NOTHAFT, Raíssa Jeanine; BEIRAS, Adriano. “O que sabemos sobre intervenções com autores de violência doméstica e familiar?”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e56070, 2019.

NOTHAFT, Raíssa Jeanine. **Experiências de mulheres no enfrentamento da violência doméstica e familiar e suas relações com serviços para autores de violência**. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: [https://ovm.alesc.sc.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Tese-Raissa-Jeanine-Nothافت\\_versao-final-fev-2020.pdf](https://ovm.alesc.sc.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Tese-Raissa-Jeanine-Nothافت_versao-final-fev-2020.pdf).

OLIVEIRA, Juliana de; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Acompanhamento psicossocial a homens autores de violência contra as mulheres: perspectivas da equipe interdisciplinar. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 36, e230145, 2025. Disponível em: <https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/238926>.

PASINATO, Wânia. Oito anos de Lei Maria da Penha. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 533–545, 2015.

PEREIRA, Lorena Padilha; GUIZARDI, Francini Lube; LOYOLA, Valeska Maria Zanello de. Panorama institucional do trabalho grupal com homens autores de violência contra mulher no Brasil. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 32, supl. 1, p. e220935pt, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2023.v32suppl1/e220935pt/>. Acesso em: 16 jan. 2026.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. 1. ed. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SILVA, Anne Caroline Luz Grüdtner da. **Violência por parceiro íntimo: o acompanhamento ao homem autor de violência**. 2016. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172173>.

SIQUEIRA, João Paulo; ZANELLO, Valeska. Xingamentos e relações racializadas de gênero: sintoma cultural da sociedade brasileira. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 30, p. e51627, 2025. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/51627>. Acesso em: 18 jan. 2026.

TÁVORA, Mariana Fernandes. **A ordem de gênero nas representações e práticas profissionais num programa para autores de violência doméstica contra as mulheres**. 2019. Dissertação (Mestrado em Família e Gênero) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

TÁVORA, Mariana Fernandes; COSTA, Dália; GOMES, Camilla de Magalhães; BEIRAS, Adriano. Análise de gênero e de cruzamentos interseccionais de um programa para autores de violência doméstica contra as mulheres. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 440-466, 2020.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; BEIRAS, Adriano; RIED, Juliana. Homens autores de violência contra mulheres: políticas públicas, desafios e intervenções possíveis na América Latina e Portugal. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 51, n. 1, p. 174–193, 2017.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME; UNITED NATIONS ENTITY FOR GENDER EQUALITY AND THE EMPOWERMENT OF WOMEN. **Femicide in 2024: Femicide Brief 2025**. Vienna: United Nations, 2025. Disponível em: [https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/briefs/Femicide\\_Brief\\_2025.pdf](https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/briefs/Femicide_Brief_2025.pdf). Acesso em: 18 jan. 2026.

VALADARES, Victor; ZANELLO, Valeska; OLIVEIRA, Sérgio. Autodesresponsabilização na violência contra as mulheres: interpretações, motivos e justificativas de homens

agressores no DF. In: BEIRAS, Adriano *et al.* (org.). **Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no Brasil: perspectivas e estudos teóricos**. Florianópolis: Academia Judicial, 2022.

VALADARES, Victor dos Santos; OLIVEIRA, Sérgio Eduardo Silva de; ZANELLO, Valeska. Caracterização de homens autores de violência doméstica contra mulheres. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 14, p. 01-19, 2023.

VALADARES, Victor dos Santos; ZANELLO DE LOYOLA, Valeska Maria. Vivências dos homens autores de violência contra as mulheres: uma perspectiva interseccional. **Revista de Psicologia**, [S. l.], v. 44, n. 1, p. 159-189, 2025.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso Brasil, 2015. Disponível em: [https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf). Acesso em: 18 jan. 2026.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **RESPECT women: preventing violence against women**. 2. ed. Geneva: World Health Organization, 2025. Disponível em: <https://iris.who.int/>. Acesso em: 18 jan. 2026.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

ZANELLO, Valeska. Violência de gênero contra as mulheres e saúde mental: psiquiatrização, silenciamento e invisibilidades. In: PASINATO, Wânia; MACHADO, Bruno Amaral; ÁVILA, Tânia P. (orgs.). **Políticas públicas de prevenção à violência contra a mulher**. São Paulo: Marcial Pons, 2019. p. 135-158.

ZANELLO, Valeska. Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “Casa dos Homens”: um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In: FERREIRA, Larissa (org.). **Gênero em perspectiva**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 79-102.

ZANELLO, Valeska. **Masculinidade e dispositivo da eficácia: guia de autorreflexão e desconstrução do machismo para homens**. São Paulo: Calon Editorial, 2024.

ZANELLO, Valeska; ROMERO, Ana Carolina. “Vagabundo” ou “vagabunda”? Xingamentos e relações de gênero. **Labrys – Études Féministes / Estudos Feministas**, julho/dezembro 2012. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys22/libre/valeskapt.htm>. Acesso em: 18 jan. 2026.

ZANELLO, Valeska. **Scripts Culturais, Gênero e Emoções (Vol.1 - Problematizando Gênero)**. Curitiba: Appris, 2025.